

3.

Machados, Casmurros e Capitus

“Porque a imortalidade é o meu lote ou o meu dote, ou como melhor nome haja. Viverei perpetuamente no meu grande livro.”
(Machado de Assis. **Quincas Borba**, cap. V)

Brás Cubas, o famoso defunto autor criado por Machado de Assis, morreu de pneumonia, mas, segundo o morto, a verdadeira causa de sua morte foi uma ideia originária da vontade de ter seu nome impresso em todos os lugares possíveis. Foi a sede de nomeada que matou Brás Cubas. Enquanto o defunto autor falhou na tentativa de alcançar a imortalidade através de seu emplasto, seu criador conseguiu tal proeza, afinal, o rosto e o nome de Machado de Assis fazem parte da história cultural brasileira e sua obra é estudada e analisada, não somente no Brasil, há mais de um século.

Ítalo Calvino, ao falar sobre clássicos da literatura, afirma:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).¹

Por isso, conhecer o caminho que a literatura de Machado de Assis percorreu nos interessa à medida que torna possível a construção do Machado de Assis que conhecemos hoje. Entender o percurso crítico da obra machadiana e seus diferentes modos de recepção permite compreender a atualização constante da obra do autor, pois o passado literário retorna quando uma nova recepção o traz para o presente. Além disso, as diversas leituras suscitadas por *Dom Casmurro* mostram o caminho que o romance e seus personagens percorreram na sociedade e na literatura brasileiras. Assim, Machado de Assis, Capitu e Dom Casmurro tornaram-se personagens pertencentes à vida cultural do Brasil.

Os críticos presentes aqui também tiveram seus nomes consagrados na bibliografia machadiana e, como não é possível abordar por completo toda a extensa fortuna crítica do escritor, falaremos daqueles que nos interessam como construtores influentes da imagem e da leitura da obra de Machado de Assis que temos hoje. Tendo como guia o estudioso Hélio de Seixas Guimarães, especialista no assunto, tentaremos traçar uma linha do tempo de interpretações. Claro deve estar que aqueles mais atuais servirão

¹ CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 11.

como base do próximo capítulo e, portanto, não serão tão longamente explorados neste momento.

Morto em 30 de setembro de 1908, Machado de Assis recebeu uma série de elogios póstumos que destacavam a correção de seu estilo, mas sem que o desconforto com sua escrita, única na literatura brasileira da época, fosse anulado. Assim, estilo é aquilo que foi valorizado após sua morte, entretanto, a ruptura com os padrões literários vigentes continuou sendo vista como um defeito. Seu estilo refinado e sua ironia fina, portanto, chamaram a atenção de seus contemporâneos, que acreditavam que a literatura machadiana estava associada à discrição, à reserva e a uma urbanidade amena. Afinal, em dias dominados pela literatura naturalista, Machado escrevia contos e romances que não continham descrições minuciosas, mas sim alusões, subentendidos, que não chocavam o público leitor. Além disso, anos antes, quando a literatura brasileira era dominada pelo romantismo, Machado de Assis não acompanhou as leis que regiam a literatura aqui produzida.

As críticas publicadas após o aparecimento de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) demonstram o desconcerto causado pelo romance machadiano entre os seus contemporâneos, que não encontraram ali as concepções de romances vigentes naqueles dias, ou seja, uma narrativa movimentada com grandes emoções, descrições de cenários, um fundo moralizante e a ênfase na cor local. Assim, em alguns dos críticos contemporâneos ao escritor, a literatura machadiana provocou uma perplexidade advinda de seu afastamento dos modismos de sua época e da impossibilidade de situar sua obra em um tempo e um lugar determinados, ou seja, era dificultoso classificar os textos machadianos como nacionais ou estrangeiros, atuais ou anacrônicos, afinal, Machado buscou novas referências, até então ausentes da literatura brasileira, fugindo das expectativas da literatura nacional de finais do século XIX, criando novos parâmetros até então ausentes na crítica.

Sílvio Romero, por exemplo, chamou Machado de Assis de “tênia literária”, “ente infeliz”, oportunista e anacrônico, por não romper com o passado, combinando classicismo e romantismo. Em seu livro *História da Literatura Brasileira*, de 1888, Sílvio Romero simplesmente excluiu Machado de Assis. Entretanto é em *Machado de Assis – estudo comparativo da Literatura Brasileira* que o crítico produz um grande ataque contra o escritor. Romero critica a ausência de cenas da natureza, da história e da vida e questiona se toda a admiração por Machado de Assis é sincera ou se os elogios se devem à moda, à obrigação de gostar do escritor, em uma tentativa de desqualificar os

críticos favoráveis a Machado. O crítico afirma que o escritor é resultante de seu meio e deve refletir a sociedade à qual pertence, não podendo ser mais do que determina sua origem fisiológica, nacional e social. Dessa forma, sendo Machado de origem pobre, tímido, gago, pouco escolarizado e mulato, o escritor e sua obra – tão pobre de exaltação patriótica e sem nenhuma cor local- só poderiam ser, segundo a visão de Romero, um conjunto de negativas.

Para o crítico, portanto, Machado não possui um engajamento nacionalista e, mais do que isso, faz uma mal feita imitação dos escritores ingleses. Para Romero, o estilo de Machado seria a fotografia de seu espírito, de sua índole indecisa e da não aceitação de sua condição de mulato, levando à criação de uma obra artificial e indiferente à paisagem e ao povo brasileiros.

Em 1873, ou seja, anos antes da publicação das críticas de Sílvio Romero, Machado de Assis publicou um ensaio intitulado “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”², encomendado por José Carlos Rodrigues, que editava em Nova York a publicação *O Novo Mundo*. No artigo em questão, Machado defende que o espírito nacional não está apenas nas obras que tratam do assunto local e exemplifica tal defesa ao afirmar que a obra de Shakespeare, apesar de não ter ligação com a história e o território ingleses, é essencialmente inglesa e, ao mesmo tempo, universal. É preciso lembrar que o romantismo brasileiro criou um projeto de literatura nacional, ou seja, uma literatura que fosse distinta da literatura européia. Para tanto, a ênfase no que havia de mais brasileiro, de acordo com a visão dos românticos, tornou-se essencial para a construção de uma literatura autenticamente brasileira e independente da Europa, acompanhando, assim, os rumos do Brasil. A literatura como forma de identidade cultural e nacional, portanto, passou a constituir a ideia de nação. Machado de Assis critica em seu artigo a doutrina absoluta estabelecida pelo romantismo, que empobrece nossa literatura, não apenas por tornar o espírito nacional a única maneira de se fazer literatura autenticamente brasileira, mas também por reconhecer tal espírito apenas nas obras que tratam de assunto local. Para o escritor, seria função da crítica estabelecer novos parâmetros, entretanto, não tínhamos uma crítica capaz de exercer tal função, sendo este “um dos maiores males de que padece nossa literatura”³.

Muitos anos após sua publicação, o artigo de Machado de Assis serviu como uma maneira de atribuir ao escritor um projeto de literatura distinto, mas que não fosse uma

² ASSIS, Machado. IN: Obras completas, vol. 29: Crítica literária. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1962.

³ Idem. P. 136.

ruptura com o projeto nacional de literatura, ou seja, “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade” foi um instrumento utilizado para que a crítica reintegrasse Machado de Assis na tradição nacional e construísse a ideia de nacionalidade interior e de um universalismo que não abre mão do nacional.

Entretanto, para os contemporâneos do escritor, a questão nacional continuou a ser um problema na literatura machadiana. Enquanto Sílvio Romero utiliza critérios evolucionistas para compreender a obra de Machado de Assis, Araripe Junior julga a obra machadiana a partir dos preceitos romântico-naturalistas, nos quais a obra literária deve representar e ser representativa do país. Diferentemente de Romero, que manteve sempre opiniões negativas a respeito de Machado, Araripe reformulou seus juízos ao longo dos trinta anos em que exercitou a crítica sobre Machado de Assis.

Em seus artigos escritos em 1892 sobre *Quincas Borba*, Araripe Junior critica as figuras femininas construídas pelo autor, por achá-las incolores, pouco sensuais, e insinuava que o escritor possuía pouca experiência com mulheres e por isso era incapaz de retratar os encantos femininos e seus ardores. Araripe, portanto, esperava as descrições cruas e carnisais, presentes no romance naturalista, das mulheres e do sexo. Anos mais tarde, o crítico desculpou-se publicamente com Machado Assis e reconheceu que este era uma exceção à regra dos brasileiros, produzindo uma obra singular justamente por resistir ao meio, e à moda literária.

Já José Veríssimo percebe a insuficiência dos parâmetros disponíveis diante da singularidade da literatura machadiana, enxergando na ruptura de Machado de Assis com o nacional a possibilidade de uma aproximação com o universal, pois sua obra possuiria impulsos filosóficos e existenciais válidos em todos os lugares do mundo e não apenas no Brasil. Veríssimo, portanto, retira Machado do enquadramento localista e eleva à condição de escritor universal. Na resenha sobre *Quincas Borba* assim afirma Veríssimo: “O Sr. Machado de Assis não é um romântico, nem um naturalista, nem realista, nem entra em qualquer dessas classificações em *ismo* ou *ista*. É, aliás, um humorista.”⁴ Logo, foi José Veríssimo quem colocou o humor como elemento importante na obra machadiana, reforçando a ideia de uma literatura universal e sem as amarras que dominavam a crítica da época.

No ano de 1900, José Veríssimo escreve uma resenha sobre *Dom Casmurro*, na qual destaca a aproximação de Brás Cubas com o novo narrador criado por Machado de

⁴ VERÍSSIMO, José. “Um novo livro do Sr. Machado de Assis”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/1/1892, PP. 1-2. Apud. Idem. P. 6.

Assis, por ambos contarem suas histórias. Todavia, tais narradores diferenciam-se em suas épocas e costumes, pois enquanto Brás Cubas situa-se no Primeiro Reinado e na Regência, Casmurro é um homem do Segundo Império, sendo impossível não haver diferenças entre os dois, no que diz respeito ao estilo e à visão das coisas.

Em tal resenha, entretanto, o mais importante para nós está na separação que Veríssimo faz entre Bentinho, Bento Santiago e Dom Casmurro, sublinhando que é este último o autor da autobiografia que, segundo o crítico, é o romance. São de Dom Casmurro as reflexões e explicações de atos e sentimentos presentes no livro, bem como as descrições de Capitu, “excelente, e penetrante, e fino estudo de mulher”⁵. José Veríssimo distingue claramente Capitu de Bentinho ao classificar a menina como a mestre que ensinou a malícia ao inocente rapaz, comparando-os a Adão e Eva, ou seja, o crítico enxerga em Capitu o retrato de mulher capaz de encantar um menino e de transformá-lo em homem. Consciente de que o leitor apenas chega aos personagens a partir do olhar de Dom Casmurro, que mistura amor e ódio na sua descrição de Capitu, o narrador não poderia ser confiável, tornando-se, nas palavras de Veríssimo, suspeito. O crítico finaliza a resenha afirmando que cada leitor deve tirar do romance de Machado de Assis as suas próprias conclusões.

A recepção primeira da obra de Machado de Assis permite acompanhar, talvez pela primeira vez na história da literatura brasileira, uma relação dialética de fato entre a produção romanesca e a produção crítica, na medida em que o romance machadiano, ao exigir novos parâmetros críticos que não fossem aqueles em circulação, transforma essa mesma crítica por meio da produção ficcional, que também passa a incorporar uma dimensão crítica sobre si mesma e sobre a produção literária contemporânea.⁶

Machado de Assis, portanto, estremeceu os alicerces da crítica literária brasileira do século XIX, ao separar-se dos padrões literários de então. A exigência de novos parâmetros críticos por parte da obra machadiana reforça, segundo a estética da recepção, seu caráter artístico, pois, ao opor-se à expectativa de seu público inicial, Machado faz com que seja necessário o surgimento de um novo horizonte de expectativa que contemple sua obra.

⁵ VERÍSSIMO, José. “Novo livro do Sr. Machado de Assis”, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19/3/1900. Apud. Idem. P. 16.

⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **O impacto da obra de Machado de Assis sobre as concepções de romance**. In: Machado de Assis em linha: revista eletrônica de estudos machadianos. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/rev_num01_artigo04.asp. Acessado em outubro de 2011. P. 37

Apesar de certa incompreensão de sua obra, Machado foi aclamado como grande escritor ainda em vida, não sendo à toa escolhido como presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1896. O escritor foi sócio honorário do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro e do Congresso Literário Gonçalves Dias e colaborou em diversos periódicos. Além disso, o autor de *Helena* manteve uma grande quantidade de admiradores no meio literário e com alguns trocou numerosa correspondência. Não era Machado, portanto, uma unanimidade na crítica brasileira, mas contava com muitos apreciadores e possuía uma posição privilegiada no cenário literário do Brasil.

Em 29 de setembro de 1908, Machado de Assis morre no Rio de Janeiro. A fotografia de seu enterro revela o grande prestígio do autor que teve seu caixão, cercado por nomes ilustres da literatura brasileira e por anônimos, carregado por Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Graça Aranha, Coelho Netto, Raimundo Correia, Rodrigo Otávio, Affonso Celso e Rui Barbosa, sendo deste o discurso de despedida ao escritor. A morte do autor de *Esau e Jacó* foi, portanto, um evento público noticiado em jornais e com rituais dignos de grandes personalidades.

Os primeiros anos que sucederam a morte do autor foram marcados por homenagens e alguns estudos. Em 1910, Mário de Alencar publica “Páginas de Saudade” em *Alguns Escritos*. O texto de Alencar relata sua convivência de alguns anos com Machado de Assis, mostrando o cotidiano do escritor e a relação de afeto e amizade entre os dois. Foi este o primeiro texto apresentando dados biográficos de Machado de Assis, tornando-se referência dos primeiros biógrafos do escritor e, ao mesmo tempo, modificando a imagem de Machado à medida que a torna menos rígida e oficial. Em 1916, José Veríssimo publicou *História da Literatura Brasileira*, no qual a personalidade e a obra de Machado de Assis são largamente estudadas. No ano seguinte, Alfredo Pujol publica o livro, originário de um ciclo de conferências proferidas por Pujol sobre o autor de *Memorial de Aires, Machado de Assis*. Pujol traz uma visão convencional da vida de Machado, o menino pobre que se tornou um grande escritor, aliada a uma visão filosofante de sua obra. Grande parte dos estudos e publicações concentra-se na personalidade do escritor e na sua relação com seus contemporâneos, através da publicação de parte de sua correspondência e de dados biográficos. Passa-se, portanto, a cultivar, além das fronteiras do círculo literário, não somente a obra machadiana, mas o grande homem, a personalidade que deu origem a uma obra genial.

Entretanto, Maria Helena Werneck⁷ nos mostra através de Brito Broca, historiador da vida literária brasileira, que a recepção da obra machadiana na década de 20 não estava em seus melhores dias. A inauguração da estátua de Machado de Assis, em 1929, na Academia Brasileira de Letras não foi um grande acontecimento, estando presente apenas uma autoridade do governo, poucas pessoas e nenhum aluno de escola pública, que ouviram um curto discurso do acadêmico Fernando de Magalhães. O monumento grandioso esperado por alguns foi, na verdade, uma estátua de não muito bom gosto, posicionada próxima a uma janela, sem, portanto, grande destaque. Para Broca, o pouco interesse despertado pela cerimônia de inauguração da estátua de bronze de Machado de Assis refletia a situação do escritor na literatura brasileira durante a década modernista, ou seja, embora continuassem sendo respeitados, Machado e sua obra não desfrutavam de grande popularidade e o prestígio estava minguando.

É preciso lembrar que em 1922 inicia-se mais fortemente o movimento modernista no Brasil. Enquanto José de Alencar e Gonçalves Dias construíram a nação em seus textos, possuindo assim pontos que deveriam sofrer uma revisão da cultura, por serem considerados exaltados e etnocêntricos, Machado, através da sua literatura com sentidos múltiplos e subliminares, não possuía pontos claros que gerariam a necessidade de tal revisão. Assim, em meio ao agito cultural da Semana de 22 e do surgimento de uma nova literatura brasileira, Machado de Assis foi, aos poucos, tornando-se uma bela lembrança do passado.

⁷ WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. P. 99 e 100.

3.1

A patrimonialização de Machado de Assis e os novos estudos

“(…) o que importa é que cada um tenha suas ideias e se bata por elas, até que elas vençam. Agora que os outros as interpretem mal é coisa que não deve afligir o autor.”
(Machado de Assis. **Esau e Jacó**, cap. XLIV)

É na década de 30 que Machado de Assis volta a aparecer com mais força no cenário literário brasileiro. Lúcia Miguel Pereira, Mário Matos, Augusto Meyer e tantos outros trazem uma maneira nova de interpretar a literatura machadiana, introduzindo a leitura moderna da obra do escritor. Utilizando o método biográfico, tais ensaístas renovam a linguagem crítica literária da década de trinta, incrementando a divulgação da obra de Machado de Assis.

Lúcia Miguel Pereira publica, em 1936, a primeira edição de *Machado de Assis: Estudo Crítico e Biográfico*. Apontando para uma interpretação de base psicológica da literatura machadiana unida aos conceitos da medicina eugênica e à historiografia da literatura brasileira, Lúcia Miguel Pereira quer desfazer a imagem rígida de Machado, renovando, assim, a recepção da obra do escritor. Mais do que enumerar os acontecimentos da vida de Machado, Lúcia quer ir além e fazer uma análise de tais acontecimentos, mas sem abrir mão, em nome de qualquer tipo de ciência ou análise, da linguagem romanesca.

Em junho de 1939, a **Revista do Brasil** publica um número comemorativo em homenagem ao Centenário de Nascimento de Machado de Assis. Com o objetivo de destacar a vitalidade do texto machadiano, recuperando caráter político de sua obra, o periódico busca trazer os textos do escritor para o debate sobre a realidade brasileira. Dentre os artigos ali presentes, há um de Graciliano Ramos⁸ que nos explica a situação em que se encontrava Machado de Assis: se por um lado, o escritor era admirado pelos poucos que leram sua obra, por outro, não era um escritor popular como os românticos, mas, mesmo assim, transformou-se em um objeto de culto.

A imagem oficial de Machado de Assis foi patrocinada pelo Estado Novo, que destacava os traços do homem do povo, mestiço e funcionário público exemplar do escritor. No mesmo ano de 1939, houve a *Exposição Machado de Assis* organizada pelo Instituto Nacional do Livro, dirigido por Augusto Meyer, e realizada na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. É importante destrincharmos a Exposição, para compreendermos a imagem oficial do escritor construída pelo Estado Novo. Promovida

⁸ Apud. Idem. P. 103.

pelo ministro Gustavo Capamena, por determinação do presidente Getúlio Vargas, a Exposição era dividida em sete partes: Infância, Formação, Vida Íntima, Maturidade, Crepúsculo e Consagração. Após as etapas da vida de Machado de Assis chegava-se à última parte: a Obra.

No catálogo da Exposição⁹ há uma introdução escrita por Augusto Meyer que deixa clara a intenção de resgatar e promover a vida de Machado de Assis com o objetivo de consagração da imagem do escritor, uma imagem nova, que buscasse aquilo que ainda não era conhecido na biografia do autor de *O Alienista* e, assim, além de atrair as pessoas, poder renovar as interpretações sobre o homenageado. Para chegar à consagração da fama, todavia, era necessário conhecer a aventura humana do escritor, para que as misérias, os sofrimentos e a origem pobre reforçassem tal consagração.

Há uma clara preocupação em atrair as pessoas que não fazem parte do meio literário para a Exposição, por isso, afirma Meyer, não poderia ser uma homenagem estritamente erudita, assim, os painéis foram montados em sequência, de forma que fosse formada uma linha do tempo que acompanhava a trajetória do menino pobre até a sua consagração como grande escritor. Mas para trazer o passado de Machado e do meio em que nasceu, fotografias ampliadas eram acompanhadas de legendas com letras de madeira, quase todas retiradas de textos machadianos. Documentos antigos, lugares frequentados pelo escritor, cartas, manuscritos, fotografias de personagens importantes na vida de Machado de Assis, foram resgatados e expostos de acordo com a etapa da vida correspondente.

A infância do escritor é retratada através de fotografias e uma planta baixa do Morro do Livramento, onde Machado de Assis morou em sua infância; o documento de batismo do escritor e cartazes com dizeres explicativos sobre os locais retratados e sobre os primeiros anos de Machado, tudo reunido no painel Infância. O painel Formação tem como epígrafe uma frase retirada do posfácio de *Crisálidas*: “*O tempo não corre em vão para os que desde o berço foram condenados ao duelo infausto entre a aspiração e a realidade*”. Faz-se, assim, uma ligação entre a infância pobre do escritor e seus primeiros anos na vida literária, reforçando a ideia de superação apesar das adversidades impostas por sua origem. Há, entretanto, um hiato na biografia de Machado de Assis exposta na Biblioteca Nacional. Como um menino pobre, em um país onde a maioria da

⁹ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Exposição de Machado de Assis**: centenário de nascimento de Machado de Assis, 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1939.

população era analfabeta, conseguiu ter uma formação que tornasse possível sua inclusão no meio literário? Ainda hoje, apesar de algumas suposições, não se sabe ao certo tal resposta. Tal dúvida intensifica ainda mais o mito em torno da figura de Machado de Assis.

Todavia, em 1939, a intenção do Estado Novo era a de transformar Machado em patrimônio nacional e para ratificar sua importância no cenário brasileiro, fez das comemorações do seu Centenário de Nascimento uma forma de transformar sua biografia em exemplar. Ainda no painel Formação vemos os primeiros passos de Machado de Assis na atividade literária. É neste contexto que a primeira fotografia do escritor, já com um pouco mais de trinta anos, aparece ao lado de retratos de Casimiro de Abreu, Francisco de Paula Brito, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Bernardo Guimarães e outros personagens importantes da vida cultural brasileira do final do século XIX. Todas as fotografias vêm acompanhadas de uma legenda explicativa sobre a relação dos fotografados como o homenageado. Dessa forma, incluí-se Machado de Assis entre os grandes nomes ligados à literatura brasileira, contrastando com aquele menino humilde dos primeiros anos do século XIX sublinha a noção de superação. Entretanto, retratos de pessoas ilustres não são suficientes para ilustrar os primeiros anos do Machado de Assis escritor, por isso há a reprodução fotográfica de textos do escritor publicados em jornais da época, além de correspondências e um exemplar, datado de 1864, de *Crisálidas*.

No painel Vida Íntima o acesso aos bastidores da vida de Machado de Assis é autorizado, destacando-se a relação entre Machado de Assis e Carolina Augusto de Novaes Machado de Assis. A autorização para entrar na história do casal não é completa, pois o escritor ordenou, um pouco antes de sua morte, que parte das cartas trocadas com Carolina, quando ainda eram noivos, fosse incinerada. Machado, portanto, sabia que aquelas cartas teriam um valor que ultrapassariam a esfera doméstica, ou seja, despertariam interesse em seus estudiosos e admiradores.

Como Machado de Assis e Carolina não tiveram filhos, o escritor fez da sobrinha-neta de sua mulher a herdeira universal de seus bens. Todavia, ele deixou para a Academia Brasileira de Letras objetos que se pertencessem a uma pessoa qualquer teriam pouco valor. Livros, retratos, manuscritos, sua poltrona, seu tinteiro, sua escrivaninha, sua caneta e seu *pince-nez* foram herdados pela ABL. A escolha de tais objetos ligados ao ofício de escrever reforça a ideia de que Machado gostaria que sua imagem estivesse sempre atrelada à literatura e fosse perpetuada para gerações futuras.

Não seria aquela uma simples caneta, mas a caneta utilizada pelo grande autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ou seja, objetos comuns ganham novos significados e tornam-se objetos de culto. São estes os objetos presentes na Exposição que completam, ao lado de correspondências pessoais, o painel Vida Íntima.

Maturidade é o próximo painel no caminho do visitante da *Exposição Machado de Assis*. Cartas, fotografias e boletins da Academia Brasileira de Letras se juntam aos exercícios de grego e alemão feitos pelo escritor. São mais de cinquenta itens ilustrando os anos em que Machado de Assis, com legendas que guiam a leitura do visitante. Já em Crepúsculo a morte do autor é o ponto central, com fotos de sua última casa no Cosme Velho, da máscara mortuária e de seu testamento feito em julho de 1898, além de notas feitas por Machado sobre sua doença, datadas, supostamente, de 1905.

As homenagens, os novos estudos sobre a obra machadiana que vieram após a morte do escritor, ao lado das traduções de seus romances e da luxuosa nova edição de 1938, em 31 volumes, de *Obras Completas de Machado de Assis* editada pela W. M. Jackson Inc. compõem o painel Consagração. O objetivo do painel, portanto, é o de destacar a prevalência da relevância da obra do escritor e dos desdobramentos interpretativos suscitados após sua morte. O último dos painéis que compõem a Exposição é denominado Obra. Ali o visitante teve acesso a manuscritos de romances e contos, capas originais e contratos editoriais, totalizando 72 itens expostos.

A *Exposição Machado de Assis* certamente disponibilizou um vastíssimo material para os pesquisadores do escritor. Mas, talvez, para os leigos visitantes, a enorme quantidade de itens expostos não tenha sido totalmente aproveitada, pois, nos parece, ao ver o catálogo, que as fotografias foram o centro de atenção de todos os painéis que compuseram a exposição. Todavia, o objetivo era celebrar Machado de Assis e construir uma imagem oficial do escritor, enfatizando sua história como um brasileiro pobre, de origem humilde que chegou à consagração merecida, pois percorreu um caminho longo e recheado de uma literatura de grande importância. O Estado Novo, assim, alça a figura do escritor como o grande patrimônio brasileiro. Sílvia Romero, muito provavelmente, não ficaria nem um pouco satisfeito com essa visão de Machado de Assis como um brasileiro exemplar. Aliás, na bibliografia que compõe o catálogo da Exposição, o nome do crítico não figura entre as obras consultadas.

Mário Matos, na Nota Explicativa de seu livro¹⁰ publicado em 1939, sublinha sua tentativa de celebrar o centenário do escritor através da busca de uma biografia psicológica de Machado. Para Matos, a obra do criador de *Helena* está impregnada pela vida do escritor, inclusive sua infância livre, típica dos meninos pobres em bairro humilde, está refletida na literatura machadiana, assim, a infância do escritor foi falada através de sua arte, de maneira indireta.

Segundo o crítico, a expressão do espírito de Machado de Assis é o humorismo, que Mário Matos define como uma “qualidade peculiar do temperamento humano”, uma “melancolia da inteligência do homem. Sabedoria mórbida”, “o riso ou a revolta do pessimista e do homem sem fé”¹¹. O estudioso afirma que o humorismo de Machado vem de um sentimento recalcado vindo de sua doença incurável, a epilepsia. Tal afirmação é baseada na escritura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que ocorreu quando o escritor estava muito doente e a doença agravada teria dado origem ao primeiro romance com um humorismo mais acentuado.

O livro de Mário Matos é dividido em duas partes: O Homem – com a biografia de Machado de Assis - e O Escritor – estudo das obras, mas sempre as relacionando à vida do escritor. Interessa-nos neste momento conhecer a interpretação feita por Matos do romance *Dom Casmurro*, considerado por ele o menos artificial e o mais doloroso e amargo dos romances machadianos, entretanto, o melhor de todos na opinião do crítico. Se hoje não há dúvidas de que existe a dúvida sobre a traição de Capitu, para Matos não há a possibilidade de Bento Santiago não ter sido traído por sua amada, aliás, não há espaço para dúvida, pois apenas existe a certeza absoluta da traição.

Ela já tem a experiência do instinto, a exuberância do temperamento, a força plantuosa do útero, as malícias feminis como precocidade, tudo isso a concorrer para o completo domínio do companheiro. Já o engana sem propósito, como atitude inevitável de sua preconceição da vida. Os atrativos com que a Natureza a compôs, a saúde sexual de que é dotada, a fatalidade de enganar, que traz em si, como nota singular, são outras razões, cada qual mais lúcida, para cumprir, com o disfarce instintivo da astúcia, o destino do engodo ao homem a quem ama. A quem ama? Não é positivo. Capitu teria amado Bentinho? Interrogação quase impossível de ser decifrada.¹²

A incerteza, portanto, não está na traição de Capitu, mas no amor que ela sentia por Bento Santiago, afinal, é de sua natureza enganar e talvez ela tenha conseguido

¹⁰ MATOS, Mário. **Machado de Assis**: o homem e a obra: os personagens explicam o autor. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1939.

¹¹ Idem. P. 113.

¹² Idem. P. 233.

iludir Bento, uma alma ingênua e infantil, segundo Matos, com toda sua sagacidade de mulher. Mário Matos coloca o casal de protagonistas em pólos opostos: de um lado o angelical e traído Bento e do outro a demoníaca e traidora Capitu.

Ela é o mal, que transborda, ele a inocência, que se deixa enlear, comover ou convencer. Ela é uma índole feminina e um cérebro masculino. Bentinho, ao revez, uma insuficiência do sexo, uma cabeça infantil. É um erro da Natureza. Toda gente o domina e influi (...). Em Capitu, o sexo nasce. Em Bentinho acaba, tanto que ele é que era estéril.¹³

Já que o filho de Capitu é de Escobar, Matos conclui que Bento só poderia ser estéril, anulando qualquer possibilidade de Ezequiel ser seu filho. Embora o crítico não relativize a história contada por Dom Casmurro e tampouco o diferencie de Bento, Matos, ao falar da definição feita por José Dias sobre os olhos de Capitu (olhos de cigana oblíqua e dissimulada), afirma que tal definição é dada a partir do olhar de alguém que não gosta da moça e, portanto, não é necessariamente verdadeira. Entretanto, José Dias é apenas um agregado de uma família aristocrata e, portanto, não deve ser levado a sério.

O aspecto autobiográfico do romance estaria na certeza de Mário Matos de que existiu uma Capitu e que Machado de Assis a conheceu na infância, quando os dois eram vizinhos. Tal história está em um artigo escrito, em 1938, no *Correio da Manhã*, por João Paraguase, mas é impossível saber se é verdadeira. Todavia, para Matos, Capitu é uma força cósmica que existiu, pois o crítico a considera tão viva e tão cheia de minúcias, que só poderia ser real.

É no mesmo ano de 1939 que Mário de Andrade escreve um artigo¹⁴ sobre Machado de Assis. Andrade separa claramente a figura do homem Machado de Assis do Mestre literário criador de Brás Cubas e Capitu e afirma que aquele foi um ser amargo e o qual não gostaria de ter em seu convívio. Andrade reconhece a genialidade do escritor comprovada na multiplicidade de interpretações geradas por sua obra, entretanto, afirma que Machado não foi uma representação do homem brasileiro em sua vida. Por outro lado, para o modernista, o escritor criou em sua obra “uma boa coleção de almas brasileiras”¹⁵ capazes de criar uma identificação entre seus personagens e seus leitores.

Segundo Mário de Andrade, a literatura machadiana não possui o sentimento do Rio de Janeiro, não contem a psicologia da cidade, pois o escritor era um memorialista,

¹³ Idem.

¹⁴ ANDRADE, Mário. Machado de Assis. In: ____ **Aspectos da literatura brasileira**. 4^oed. São Paulo: Martins Fontes. Brasília: INL, 1972.

¹⁵ Idem. P. 105.

que parecia ter a necessidade de nomear ruas e de misturar acontecimentos e figuras reais com sua ficção. Para o ensaísta, Machado precisava da verdade dos acontecimentos reais para caminhar na ficção, mas sem dar ao leitor o sentido da cidade. Além disso, para Mário, as mulheres da ficção machadiana são mais perversas que os homens e possuem uma inteligência ativa capaz de dominar os fracos e estúpidos homens presentes na obra de Machado de Assis. Obra esta que, segundo Andrade, era dominada por uma racionalidade estética que a tornava perfeita, porém de uma beleza imóvel.

A distinção feita por Mário de Andrade entre o Homem e o Mestre ilustra a afirmação de que Machado de Assis é um escritor cultuado, mas não amado, que conquistou um lugar incontestável na literatura brasileira.

O vasto material presente na exposição serviu como fonte para a terceira edição do livro de Lúcia Miguel Pereira: *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*¹⁶, de 1946. No prefácio da edição em questão, a autora destaca a importância de vir à luz o registro de batismo de Machado, no qual é possível saber que sua mãe era portuguesa, entretanto, para Lúcia o fato que marcou a vida do escritor não foi sua ascendência lusa, mas foi seu pai ter sangue negro. A mestiçagem do autor seria fator determinante que condicionaria sua relação com os outros e com a vida. Através da certidão de batismo, todavia, foi possível estabelecer o grau de aproximação entre Machado de Assis e os donos da casa-grande do Livramento, já que era afilhado da dona do lugar. Tal convivência teria influenciado, segundo Lúcia Miguel Pereira, a literatura machadiana, que traz em alguns de seus romances a visão da vida de família como matriarcado. A visão de Miguel Pereira faz bastante sentido quando pensamos na importância de Dona Glória, uma mulher que domina o lar e suas finanças, em *Dom Casmurro*.

Para Lúcia, Machado de Assis foi estereotipado e, como uma estátua de bronze, sua imagem tornou-se rígida, fixando características que não eram as únicas possuídas por Machado. Talvez, acredita a autora, ele mesmo tenha escolhido as características perpetuadas, afinal, dessa maneira, sua intimidade e sua verdadeira personalidade estariam resguardadas. Coberto por uma carcaça, Machado foi mais do que se deixou ver, mais que a série de rótulos que o acompanharam pela posteridade. Mas onde encontrar o verdadeiro Machado de Assis? Para Lúcia, os livros nos fazem tal

¹⁶ PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. 6^oed. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1988.

revelação, através de confissões involuntárias escondidas nas entrelinhas de sua obra. Assim, fica impossível para a autora estudar Machado de Assis sem estudar sua obra.

Tendo que lutar contra a inferioridade da educação, de sopitar impulsos de nevrota, de desmentir o proverbial espreitamento do mestiço, querendo impor-se aos brancos, aos bem-nascidos, Machado de Assis, num movimento instintivo de defesa, tratou de se esconder dentro de um tipo, não era bem o seu, mas que lhe representava o ideal: do homem frio, indiferente, impassível. Meteu-se na pele dessa personagem, crendo sem dúvida de que se elevava, na realidade amesquinhando-se, esquecido de que seus livros o traíam – ou o salvavam.¹⁷

Dessa forma, a biografia de Machado de Assis deve, segundo Lúcia Miguel Pereira, seguir uma interpretação do autor, pois não é possível chegar aos fatos da vida do escritor, apenas às sombras de tais fatos, sendo assim, a autora mistura em seu livro escrita biográfica com narrativa ficcional para alcançar a vida de Machado de Assis.

Mas, se Machado criou uma aparência enganosa, é através desta ilusão que poderíamos chegar ao ideal humano no qual o escritor acreditava. Entretanto, para compreendê-lo é também preciso lembrar aquilo que ele tentou ocultar, ou seja, sua origem, sua cor e sua doença. Para Lúcia, todo drama e miséria da vida de Machado o elevam, já que o escritor venceu, apesar de tudo. Assim, apesar de lutar contra os rótulos oficiais que cercam a figura de Machado de Assis, a autora preconiza a imagem do sofredor que superou todos os obstáculos e conseguiu tornar-se o grande escritor de nossa literatura.

Lúcia Miguel Pereira diseca toda obra de Machado de Assis não apenas sob um olhar biográfico, mas também sob uma ótica crítica. Ao tratar de *Dom Casmurro*, Lúcia afirma que não há nada de autobiográfico no romance, embora possa ter havido outra mulher, além de Carolina, na vida do romancista, não sendo impossível que Capitu contenha traços dessa mulher. Para a autora é essa uma obra morosa e dubitativa, na qual os sentimentos dirigem tudo e empolgam as personagens. Mas em que sentido, na visão da ensaísta, o romance em questão exprime dúvida? Em determinado momento, Lúcia parece não ter certeza quanto à traição de Capitu, quando afirma: “Capitu, se traiu o marido, foi culpada – ou obedeceu a impulsos e hereditariedades ingovernáveis? É a pergunta que resume o livro.”¹⁸ Embora a dúvida recaia sobre os motivos que levariam à traição, esta, obviamente, depende da traição ter realmente acontecido. Entretanto, mais adiante, a autora reforça a ideia da incerteza se Capitu pode ser responsabilizada

¹⁷ Idem. P. 25.

¹⁸ Idem. P. 237.

pelo adultério: “(...) há a ideia central de saber se Capitu foi uma hipócrita, ou uma vítima de impulsos instintivos.”¹⁹ Isto é, Capitu traiu, resta-nos saber por quê. Já no final do artigo, a autora destaca a insegurança de Bentinho em oposição à exuberância de Capitu e desconfia se seu ciúme é real:

Casado com uma mulher de fogo, ele próprio mais propenso à interiorização, desconfiado de si, Bentinho não podia deixar de ter ciúmes. Ciúmes doentios, dolorosos, que o fizeram quase assassino e que o levaram à misantropia. Seriam imaginários? Ou fundados?²⁰

Apesar de Lúcia Miguel Pereira não ter uma posição clara sobre Capitu, é interessante observarmos o movimento de avanço e recuo quanto ao adultério, como uma leitora que toma posições diferentes diante de uma leitura sem respostas. Além disso, Lúcia insinua uma certa desconfiança em relação ao relato de Bento, ao vê-lo como portador de um ciúme tão doentio que o tornaria capaz de se afastar de todos e de, quem sabe, imaginar a traição. Curioso ter sido uma mulher capaz de enxergar a dúvida, assim como Helen Calwell, mais de vinte anos depois.

A imagem de Capitu retorna em um dos ensaios de Augusto Meyer, publicados ao longo das décadas de 30, 40 e 50, no qual o crítico afirma que *Dom Casmurro* é o livro de Capitu, embora ela seja descrita ao leitor a partir da visão de Bentinho. Descrita pelo crítico como sonsa, felina e ambiciosa, a moça teria como alvo principal a posição social de Bento e, por isso, trava uma luta entre a ambição e os preconceitos sociais. Impossível para Capitu não mentir, pois é esta uma necessidade orgânica da moça que é, para Meyer, o pólo masculino do romance. Afinal, para Augusto Meyer é Capitu quem conquista Bento, não ficando na posição de mulher conquistada, é ela viril, audaciosa e com um senso de ação muito mais forte do que a de seu vizinho, assim, a menina possui características supostamente masculinas. Ao mesmo tempo, ela é capaz de compor “com paciência de aranha a sua teia de mulher”²¹. Capitu é, na visão de Meyer, um misto perigoso da inocência de menina com o cálculo da mulher, que faz uso da inocência para “caçar” o objeto desejado. Augusto Meyer parece completamente encantado com Capitu.

Estudioso de Literatura Comparada, Augusto Meyer analisa a obra machadiana da chamada segunda fase do escritor comparando-a com a de grandes escritores, como Marcel Proust e Dostoievski, além de utilizar conceitos e ideias da psicanálise freudiana

¹⁹ Idem. P. 239

²⁰ Idem. P. 240.

²¹ MEYER, Augusto. **Textos críticos**. São Paulo: Perspectiva. Brasília: INL, 1986. P. 221.

para examinar romances e contos machadianos, que, segundo Meyer, trariam uma confissão do escritor através de seus personagens.

Curioso que foi um crítico francês, Roger Bastide quem, em 1940, ressaltou como a paisagem carioca está bastante presente na obra machadiana. Parece, portanto, que a dimensão local da literatura de Machado de Assis tornou-se invisível para os críticos brasileiros, precisando que um olhar estrangeiro enxergasse tal dimensão. Entretanto, Astrojildo Pereira, importante figura no cenário brasileiro, proclamou Machado de Assis como o escritor do povo e negou que o autor tenha sido indiferente à realidade social brasileira de seu tempo, cunhando o epíteto “o romancista do Segundo Reinado” a Machado de Assis. Pereira, portanto, refutou qualquer noção de indiferença de Machado à vida do Brasil, enfatizando a inserção da obra machadiana e do escritor na vida social brasileira. Roger Bastide e Astrojildo Pereira, portanto, vão na contramão das afirmações feitas por Sílvio Romero, fazendo uma leitura que destaca em Machado de Assis aquilo que Romero não encontrava no escritor: a cor local.

Assim, embora tenha sido de interesse do Estado Novo transformar Machado de Assis em patrimônio Nacional, tal atitude não paralisou os estudos sobre a obra do escritor, embora tenha cristalizado a imagem oficial de Machado como o homem do povo, mulato e funcionário público exemplar. Entretanto, ao longo das décadas seguintes, os críticos continuaram debruçando-se sobre os romances, contos, críticas e cartas, mantendo sua literatura presente.

3.2

1960: a virada interpretativa

“Catei os próprios vermes dos livros, para que me dissessem o que havia nos textos roídos por eles.”
(Machado de Assis. **Dom Casmurro**, cap. XVII)

Em 1960, a norte-americana Helen Caldwell surge com uma nova maneira de ler o *Dom Casmurro*. Nas primeiras palavras do prefácio à Edição Americana, Caldwell afirma que Machado de Assis é uma jóia brasileira pela qual o resto do mundo deveria sentir inveja, entretanto, aqueles pertencentes ao mundo anglófono devem sentir-se lisonjeados pela utilização de Shakspeare como modelo presente nos textos do autor. Para Helen Caldwell, *Dom Casmurro* não é apenas a obra-prima de Machado de Assis, mas “talvez o maior romance de todos os tempos”.²²

A autora defende a tese de que o romance seria uma adaptação da tragédia shakesperiana *Otelo* sendo que o venenoso Iago e o mouro conviveriam em um só homem, Casmurro. Caldwell não apenas encontra semelhanças entre o narrador e Iago na natureza daquele, mas acredita que seu sobrenome, Santiago, comporte aquilo que ele tem de santo e aquilo que ele tem de Iago. A estudiosa acredita que é a partir do capítulo “Uma ponta de Iago” que as duas naturezas se encontram, ou seja, Santiago permanece no papel de Otelo, mas torna-se também Iago, este cabendo, inicialmente, a José Dias. Agora é Bento quem manipula, é ele quem constrói a fantasia da semelhança entre seu filho e seu melhor amigo.

O “acessório” – “o lenço de Desdêmona” – em *Dom Casmurro* é a semelhança, ou antes, a fantasia da semelhança, entre Ezequiel e Escobar. O Iago putativo de Santiago, José Dias, abandona o papel muito antes dessa semelhança vir à cena. É Santiago quem a descobre; é Santiago quem manipula o “lenço”. Devemos reler, então a fórmula da ação dramática de Machado: a alma ciumenta de Otelo-Santiago, a perfídia de Iago-Santiago e a culpa (ou inocência) de Desdêmona-Capitu – eis os principais elementos da ação.²³

Assim, Caldwell acredita que os personagens do romance são retratados a partir de revelações e dissimulações contadas por Santiago, ou seja, o leitor só tem acesso aos personagens do romance de acordo com a interpretação e a intenção de Bento Santiago. A importância do estudo de Helen Caldwell está, principalmente, no fato de ela colocar em dúvida a narração de Casmurro, ou seja, de não livrá-lo da manipulação necessária para que seu argumento seja visto como a verdade, isto é, de que foi realmente traído

²² CALDWELL, Helen. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis**: um estudo de Dom Casmurro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. P. 17.

²³ Idem. P. 32.

por sua mulher e seu melhor amigo. Para a norte-americana, Casmurro ilude o leitor e a si próprio para livrar-se da culpa.

E o veredicto?

Como Santiago observa profeticamente no início do capítulo XCVIII, “Venceu a Razão”, isto é, venceu o argumento legal. Praticamente três gerações – pelo menos de críticos – julgaram Capitu culpada.

Permitam-nos reabrir o caso.²⁴

A partir do estudo de Caldwell, uma série de leituras baseadas na não-confiabilidade dos narradores machadianos surgiu. Silviano Santiago, no ensaio “Retórica da Verossimilhança”²⁵, de 1968, afirma que a qualidade essencial de Machado de Assis está na busca do esforço criador de uma profundidade através do exercício consciente da imaginação e dos meios de expressão dos quais dispõe um romancista. Santiago quer refutar a ideia de que a obra machadiana possua temas e episódios repetidos que causariam um desgaste emocional por parte do leitor. Para o estudioso, Machado foi aprimorando sua força criativa ao longo da escritura de sua obra.

Ao falar sobre *Dom Casmurro*, Silviano Santiago afirma que o romance é um estudo do ciúme e que sua única verdade a ser buscada não é se Capitu traiu ou não Bento Santiago, mas sim a verdade escondida em Casmurro, um advogado e ex-seminarista que, portanto, está ligado à escrita, à persuasão e ao julgamento e, por outro lado, seria sensível aos problemas morais.

Réu e advogado de defesa são, respectivamente, Bento e Dom Casmurro. Dom Casmurro, como bom advogado que devia ser, toma para si a defesa de Bentinho, arquitetando uma peça oratória onde se nos afigura de primeira importância seu aspecto propriamente forense (era escrita por um advogado) e seu aspecto moral-religioso (escrita por um ex-seminarista)²⁶

Silviano Santiago, portanto, destaca a posição social do narrador do romance e o enxerga como um potencial manipulador da verdade, ancorado nos valores que sua profissão e seu passado o oferecem. Capaz de criar um discurso ordenado e lógico, mas não necessariamente verdadeiro, Casmurro busca persuadir a si e ao leitor, para que todos sejam convencidos de sua verdade. Uma verdade na qual, segundo Silviano,

²⁴ Idem. P. 100.

²⁵ SANTIAGO, Silviano. Retórica da verossimilhança. In: ____ **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2º Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

²⁶ Idem. P. 33-34.

predomina a imaginação e não a memória. A imaginação de um homem que quer justificar suas atitudes e persuadir o leitor, como destaca o estudioso.

No mesmo ano do ensaio de Silviano Santiago, Antonio Candido escreveu o texto “Esquema de Machado de Assis”²⁷. Para Candido, ainda impregnados por um modo romântico de ser, costumamos acreditar que a vida normal é incompatível com um gênio. Por esse motivo, os críticos que estudaram Machado de Assis sublinharam os possíveis tormentos sofridos pelo escritor: cor, origem, doença e carreira difícil. Entretanto, o crítico argumenta que nada disso fez da vida do escritor mais difícil do que a de seus contemporâneos, afinal, Machado teve uma boa carreira de funcionário público, nenhum impedimento em conviver com os chamados rapazes finos de seu tempo e sua carreira intelectual fez com que fosse admirado e apoiado desde cedo. Para Candido, “sua vida é sem relevo comparada à grandeza da obra, e que interessa pouco, enquanto esta interessa muito”²⁸ Uma obra que, segundo o estudioso, possui um universo oculto, que esconde o mundo da alma, rindo da sociedade e expondo as esquisitices da personalidade humana.

Antonio Candido classifica Machado de Assis como um escritor de estatura internacional, mas desconhecido fora das fronteiras brasileiras até a década de 60, afinal, a língua portuguesa não possui força e importância suficiente para alcançar numerosos países. Entretanto, com as novas traduções feitas a partir da década citada, o sucesso de Machado em outros países prova que a literatura machadiana possui capacidade de se adaptar ao espírito do tempo presente, pois possui alguns temas característicos do século XX. O crítico literário enumera, explica e exemplifica os temas que ilustram a originalidade de Machado de Assis: os limites da razão e da loucura, a questão da identidade, a relação entre fato real e fato imaginado, a validade do ato, a perfeição, a relatividade dos valores, a importância da opinião do outro, as contradições da alma e transformação do homem em objeto do homem.

Para Candido, a literatura de Machado de Assis possuía um arcaísmo moderno, que sugere o todo pelo fragmento, utiliza um suposto academicismo como forma de provocar o leitor. Uma literatura feita de subentendidos, de alusões e eufemismos, que compreendia as estruturas sociais, mas não era documentária. Uma literatura irônica,

²⁷ CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: ____ **Vários escritos**. 4º Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

²⁸ Idem. P. 17

elíptica, com um distanciamento estético presente em sua técnica de espectador, que sugere “as coisas mais tremendas da maneira mais cândida”.²⁹

É importante percebermos que, desde as primeiras linhas do texto, Antonio Candido legitima Machado de Assis unindo-o aos grandes nomes da literatura européia, portanto, padrão de excelência para o crítico. Kafka, Proust, Falkner, Dostoievski e Gide servem como padrão para julgar e atribuir valores à literatura machadiana que, quanto mais próxima dos grandes escritores europeus, mais qualidades possui.

Em 1974, Raymundo Faoro publica *A pirâmide e o trapézio*, que influenciaria os críticos posteriores. Faoro integra análise política e crítica literária, para destacar o reflexo das estruturas oligárquicas do Segundo Reinado na ficção machadiana, revelando a denúncia da ordem social feita por Machado de Assis. Para Raymundo Faoro, a obra machadiana capta o aparecimento de um mundo dominado pelo dinheiro e baseada na união entre capital e poder político. Para o crítico, o escritor possui uma observação precisa dos costumes da sociedade brasileira do Segundo Reinado.

Ainda na década de 70, Roberto Schwarz, influenciado pelas ideias de Raymundo Faoro, surge para destacar a forma dos romances machadianos como modelo reduzido da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que imitam processos sociais e históricos que expressam, através de seus narradores, as contradições e falsas promessas do capital. Assim, Schwarz não reduz os romances de Machado de Assis ao quadro localista, pois as contradições vividas aqui, na periferia do capitalismo, fazem parte de todo o quadro de mecanismos de dominação e exploração pertencentes ao capitalismo como um todo.

Em *Dom Casmurro*, por exemplo, Roberto Schwarz afirma que a relação entre latifundiários é clara, sendo fundamentalmente baseada na relação entre proprietário e propriedade, isto é, um escravo pertencia a seu dono e por ele poderia ser vendido. Havia, entretanto, uma terceira classe que era composta por homens livres, porém dependentes dos latifundiários e que não se encaixavam na classe do proletariado e tampouco na dos proprietários, mas dependiam do favor destes para ter acesso à vida social e a seus bens. Assim, “se o escravismo desmente as idéias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular”³⁰. É na figura do agregado que está

²⁹ Idem. P. 23

³⁰ SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: ____ **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 2° ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981. P.16.

escancarada a posição de homem livre, mas que mantém uma relação com o proprietário baseada em uma falsa liberdade de quem opina obedecendo e se comporta conscientemente de acordo com sua posição. José Dias, o agregado do romance *Dom Casmurro*, não faz parte da família Santiago e não tolera aqueles que são socialmente inferiores à família da qual depende, sendo, segundo Schwarz, a caricatura da relação de favor entre latifundiário e homem livre.

É também na década de 70, que Jean-Michel Massa escreve a biografia intelectual *A juventude de Machado de Assis*. O pesquisador francês afirma que um estudioso estrangeiro percebe mais claramente que Machado é, ao mesmo tempo, muito brasileiro e o menos brasileiro dos grandes escritores de nosso país. Empenhado na tarefa de escrever uma “biografia intelectual, espiritual e literária de Machado de Assis”³¹, Massa traz à luz o momento da juventude literária de Machado, ainda negligenciado até então. Assim, o pesquisador tenta reconstruir os ambientes nos quais o escritor se formou e seguir os textos publicados por Machado no período de vida estipulado.

O surgimento de estudos estrangeiros sobre Machado de Assis multiplicou-se a partir do lançamento de novas traduções da obra machadiana e de textos críticos pelo mundo. Declaradamente influenciado pelas ideias de Roberto Schwarz, o inglês John Gledson debruçou-se sobre a obra de Machado de Assis. O livro *Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro* foi publicado em inglês em 1984 e anos depois, em 1991, foi traduzido para o português. Ali, Gledson afirma que o romance em questão é um dos mais célebres da língua portuguesa e seu objetivo é o de mudar a perspectiva do leitor, revelando *Dom Casmurro* como um romance realista que mostra um panorama da sociedade brasileira do século XIX. Tal panorama nos é dado através da revelação de verdades acerca de religião, dinheiro, família, classe, sexo, política, relações pessoais, uso da linguagem, da imagem e da metáfora. *Dom Casmurro*, segundo Gledson, revela as verdades gerais através do particular. O romance, portanto, é realista justamente por revelar a natureza da sociedade que está retratando, através do desvendamento de verdades do Brasil do Segundo Reinado feito a partir do microcosmo familiar.

Certamente, *Dom Casmurro* não é um romance realista no sentido de nos apresenta abertamente os fatos, sob forma facilmente assimilável. Apresenta-se com eles, mas temos de ler contra a narrativa para descobri-los por nós mesmos. Na medida em que

³¹ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis** (1839-1870) - ensaio de biografia intelectual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. P. 9.

assim procedermos, descobriremos mais não só acerca dos personagens e dos acontecimentos descritos na história, mas também sobre o protagonista de Machado de Assis, Bento, o próprio narrador. Forma e conteúdo são absolutamente inseparáveis. É altamente perigoso subestimar a perícia manipuladora de Bento ou atribuir a Machado opiniões que o narrador proclama.³²

Dom Casmurro, portanto, é um romance complexo e enganador, que ilude e persuade o leitor através de sua estrutura fragmentária e da construção de um narrador intencionalmente criado para convencer os leitores, como Silviano Santiago, também influente na leitura de John Gledson sobre Machado, afirmara anteriormente. Entretanto, foi preciso um distanciamento temporal, segundo Gledson, para que os leitores passassem a desconfiar dos narradores machadianos, pois os leitores do século XX, afastados e teoricamente despidos dos preconceitos presentes na sociedade do século XIX, puderam fazer uma nova leitura, compreendendo o que o escritor pretendia e questionando seus narradores. Assim, não seria por acaso que a possibilidade de inocência de Capitu tenha demorado tanto tempo para ser descoberta e que fosse justamente uma mulher, em plenos anos de efervescência do feminismo, responsável por tal feito.

Já Alfredo Bosi faz uma leitura de Machado de Assis a partir de outra perspectiva. Segundo o estudioso, ao entendermos o olhar machadiano, lidamos com a perspectiva, a visão do narrador e o foco narrativo. Tal olhar, entretanto, não é estático, ele é móvel, podendo ser incisivo ou abrangente, cognitivo ou emotivo, mas sem que o quadro espaço-temporal seja limitador desse olhar. Ou seja, Bosi acredita o olhar de Machado não está preso ao Rio de Janeiro do século XIX, mas possui valores e ideais que não são exclusivamente de seu tempo e seu lugar.

Para Bosi, é através das personagens femininas é elaborada a justificação do cálculo, no qual desejo e interesse não se dissociam. Tais personagens afastam-se tanto do modelo ultra-romântico das donzelas frágeis e assexuadas, quanto das caricaturas naturalistas. São mulheres com desejos, paixão e, ao mesmo tempo, possuem consciência de seu poder de sedução, fundindo instinto com sagacidade. Desta forma, as personagens femininas não podem ser classificadas como tipos interesseiros, mas sim como mulheres com ímpeto e garra. Capitu, Sofia, Marcela e Virgília são mulheres que lutaram por um lugar melhor na sociedade, mas que não abriram mão de seus desejos físicos e uniram a paixão com a realização social. O estudioso destaca a utilitária união

³² GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo**: uma reinterpretação de Dom Casmurro. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. P. 14.

entre patrimônio e matrimônio e a necessidade de vencer na vida como mola universal e, para tanto, a preocupação com o olhar do outro se torna essencial na construção do indivíduo, entretanto, é possível, através de uma fenda, termos acesso àquilo que a sociedade não enxerga.

De todo modo, há em Machado mais do que simples inventário: há invenção. E essa inventividade do romancista permitiu-lhe seguir, graças à mobilidade do seu olhar, os movimentos públicos ou íntimos de personagens, que ora vivem segundo o capricho de sensações imediatas, isto é, vivem como indivíduos na acepção negativa de mônadas exteriores umas às outras; ora comportam-se como tipos agindo de acordo com os cálculos necessários para manter ou elevar o próprio status; ora, enfim, podem trazer em si o agulhão da consciência da sua dignidade como pessoas, sem que essa rara disposição interior seja automaticamente causada pela sua classe econômica.³³

Alfredo Bosi, portanto, distancia-se de uma leitura sociológica da obra de Machado de Assis, propondo, na verdade, uma relativização de tal leitura e, ao mesmo tempo, dá ênfase às implicações filosóficas, psicológicas e existenciais na interpretação da ficção machadiana.

Mais recentemente, podemos destacar na crítica machadiana a obra do português Abel Barros Baptista. Em *A formação do nome: duas interpretações sobre Machado de Assis*, publicado em Portugal em 1991 e no Brasil em 2003, Abel faz leitura minuciosa do artigo “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de nacionalidade”, de Machado de Assis, afirmando que o escritor, no fundo, acreditava que sempre haverá a possibilidade de leitura de um livro a partir da relação com a realidade nacional, mas o estudioso acredita que a crítica insiste na questão nacional da literatura machadiana, empobrecendo sua grandeza. Na segunda parte do livro, o crítico português faz uma leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a partir do motivo do autor suposto ou ficcional presente no romance em questão e em *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires*. Já em *Autobiografias*, publicado no Brasil também em 2003, Baptista traz uma ideia necessária para a leitura de *Dom Casmurro*: a noção de ficção de livro. As noções de autor suposto e da ficção do livro desenvolvidas por Abel Barros Baptista serão posteriormente melhor utilizadas e explicadas neste trabalho.

³³ BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 4^o ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. P. 161.

3.3

Machado de Assis cem anos após sua morte

“Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados”
(Machado de Assis. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, cap. XXIV)

No ano de 2008 comemorou-se o Centenário de Morte de Machado de Assis. Exposições, seminários, conferências, publicações de reedições e releituras da obra do escritor, além de material inédito celebraram a data.

O Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, por exemplo, realizou a mostra "Machado de Assis: 'mas este capítulo não é sério'". O objetivo, segundo o superintendente do museu Antonio Carlos Sartini, era o de popularizar Machado de Assis, atrair novos leitores para a obra do escritor, mostrando o quanto esta é saborosa. A ideia da exposição era fazer do visitante um visitante-leitor de Machado de Assis e, para tanto, todos recebiam um livreto de 50 páginas contendo contos do escritor, que variavam de exemplar para exemplar, além disso, através da composição física da exposição, o visitante sentia-se dentro da obra do escritor. Tendo como eixo central o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o Museu da Língua Portuguesa dividiu a exposição em capítulos cujos nomes se referem à obra de Machado de Assis, até que, o final, obras do escritor encontravam-se à disposição para leitura.

Entretanto, permanece, mesmo cem anos depois de sua morte, a importância de sua origem humilde, de sua cor e de seu desempenho, apesar de tudo, como grande intelectual, destacando o autodidatismo do escritor. Assim, embora haja uma tentativa de a obra machadiana ser popularizada, a imagem do escritor continua tão distante quanto a de qualquer outro mito e talvez nunca será desconstruída. E por que seria? Seus objetos pessoais, por exemplo, foram expostos na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, também em comemoração ao centenário de morte do escritor, mostrando que os pertences de Machado permanecem como objeto de culto.

Intitulada “Machado Vive” a exposição comemorativa de cem anos de morte de Machado de Assis realizada entre os dias 26 de julho e 31 de outubro de 2008, na Academia Brasileira de Letras, também não deixou de destacar a origem humilde do escritor, os fatos de ser epilético e gago e, obviamente, sua mestiçagem como obstáculos vencidos por Machado. Já na apresentação da exposição, o presidente da ABL, Cícero Sandroni destaca a vida do escritor.

Deixando-nos uma obra vasta e magistral, marca de uma existência cumprida, para além de todas as dificuldades, uma existência que significa a vitória do gênio e do esforço humanos, grande exemplo moral que nos legou, juntamente com a obra, o maior escritor brasileiro do século.³⁴

A imagem oficial de Machado de Assis postulada pelo Estado Novo prevalece, mesmo mais de 70 anos depois. Uma imagem oficial que posiciona o escritor no topo de uma cadeia de escritores, mitificando-o e, muito provavelmente, afastando-o de seus leitores. A imagem do homem de bronze, à qual Mário de Andrade referiu-se anos antes, permanece. A exposição realizada na Academia Brasileira de Letras em muito se parece com aquela de 1939, entretanto, em 2008, o público encontra imagens do Rio de Janeiro pelo qual se movem os personagens machadianos, ou seja, as novas interpretações que sublinham a importância da cidade e da sociedade carioca na obra do escritor proporcionaram uma nova leitura dos textos de Machado de Assis. Fotografias, contratos, a certidão de batismo e objetos pessoais do escritor juntam-se aos grandes nomes que o influenciaram, para criar uma homenagem necessária e correta, sem grandes surpresas, feita pela Academia Brasileira de Letras.

Um fato curioso em meio às comemorações ocorridas em 2008 foi que no site do jornal Folha de São Paulo foi feita uma enquete³⁵ para saber a opinião dos leitores sobre a traição de Capitu. Com mais de 12 mil votos, 59% dos internautas acredita que Bentinho tenha sido traído. Embora não queiramos fazer uma análise de tal resultado, a enquete nos interessa à medida que demonstra não só a revolução das interpretações de *Dom Casmurro*, afinal tal dúvida seria impensável no século XIX, do nos mostra que o interesse maior em *Dom Casmurro* ainda parece ser a questão da traição. Quem não conhece um ex-aluno de Ensino Médio que tenha lido o romance e que a “prova de livro” tenha sido o julgamento de Capitu?

Foi em meio às homenagens a Machado de Assis que no dia 9 de dezembro de 2008, estreou, na TV Globo, a minissérie *Capitu*. Como dito anteriormente, um dos objetivos da minissérie foi o de retirar a literatura e a imagem de Machado de Assis de seu lugar de seu lugar de culto, aproximando ambos do público.

No dia do centenário da morte de Machado de Assis, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assinou, na sede da Academia Brasileira de Letras, o decreto que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, unificando a forma de escrever o

³⁴ SANDRONI, Cícero. **Apresentação**. In: Academia Brasileira de Letras. **Machado vive**: exposição de 100 anos de morte de Machado de Assis. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

³⁵ <http://polls.folha.com.br/poll/0827002/results>

português nos oito países nos quais é o idioma oficial. A data escolhida para a assinatura, portanto, ao coincidir com o centenário de Machado, reforça a imagem do escritor como o mais importante do Brasil.

Dessa forma, se por um lado houve uma clara evolução na crítica machadiana, capaz de transformar a leitura de *Dom Casmurro* e a imagem de Capitu e Bento Santiago, o escritor continua tendo aquela imagem construída nos anos 30 pelo Estado Novo. Assim, a tentativa empreendida por Luiz Fernando Carvalho de popularizar Machado de Assis terá que enfrentar a imagem de mito construída para o escritor ao longo de mais de cem anos, que assusta e afasta novos leitores.